



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS COMO DISPOSITIVOS DE REABILITAÇÃO QUÍMICA: SABERES E FAZERES

Autora: Giullia Cristina Mulato Venancio (1); Co-autora: Messiane Rose Correa Sá Menez (2); Orientadora: Marise Marçalina de Castro Silva Rosa (3).

Universidade Federal do Maranhão - UFMA, giulliamulato@hotmail.com (1), messiane-rose@hotmail.com, mmarcalina@gmail.com (3).

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos um relato de experiência vivido na disciplina Fundamentos e Metodologia da Alfabetização, integrante do currículo do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

A proposta de estender a disciplina curricular à prática docente enquanto professor(a) alfabetizador(a) ancora-se na perspectiva de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tendo como objetivo, alargar a disciplina promovendo concomitantemente a socialização de conhecimentos, vivências acadêmicas de alfabetização e letramento digital com educandos Jovens e Adultos que se encontram em um centro de reabilitação de dependência química.

O projeto buscou integralizar conhecimentos do cotidiano dos alunos e atividades propostas tendo como enfoque a perspectiva de alfabetização e apropriação da língua materna numa relação de sentido e a partir da realidade social dos educandos, considerando suas hipóteses sobre a língua.

O projeto propiciou a todos os envolvidos (professores e alunos) reconhecerem e valorizarem a importância da educação, privilegiando o enfoque da alfabetização que possibilita o letramento, propiciando de forma multidisciplinar a percepção da importância da alfabetização para a reintegração social, inserindo temas como a ética, formação política, desenvolvimento humano, economia, meio ambiente, pluralidade, cultura, saúde, segurança, entre outros.

Os resultados foram muito significativos, pois além de ensinar, aprendemos e apreendemos a dimensão prática, os saberes de professores alfabetizadores, além de termos contribuído com o processo de letramento dos sujeitos envolvidos na experiência.

Este trabalho está dividido em duas partes onde na primeira trataremos os procedimentos metodológicos utilizados durante a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

experiência. No segundo momento retomaremos de forma reflexiva os resultados obtidos e as contribuições para a formação docente enquanto professoras alfabetizadoras ainda em processo de formação inicial na graduação.

METODOLOGIA

Com o objetivo de propiciar aos acadêmicos a extensão das discussões realizadas em sala, ampliando a apropriação de saberes acerca da alfabetização e letramento a professora da disciplina sugeriu que nós procurássemos uma pessoa que não fosse alfabetizada e que tivesse acima da idade prevista para a alfabetização e que preferencialmente que não estivesse frequentando a educação básica.

A ideia inicial da disciplina era que cada aluno conseguisse uma pessoa para ser alfabetizada e nesta busca nos deparamos com um centro de reabilitação química de caráter religioso que abriu portas para que as atividades fossem realizadas dentro do centro. A princípio fomos informadas da existência de duas pessoas adultas que tinham o desejo de ler e escrever, porém, ao chegarmos para o primeiro momento de conhecimento nos deparamos com um total de 24 homens que se candidataram a participar das aulas de alfabetização e letramento.

Associando o ensino obtido em sala às ações de extensão a serem realizadas nos debruçamos na dicotomia de propiciar a Jovens e Adultos que se encontravam em estado de internação no centro de reabilitação química, isolados da sociedade, das informações, de suas famílias e principalmente distanciados de qualquer trabalho pedagógico.

As atividades do projeto eram realizadas uma vez por semana durante um período de cerca de quatro horas. A carga horária destinada ao projeto era reduzida devido a nossa jornada acadêmica enquanto universitárias ser extensa, além das programações de atividades de cunho religioso a qual os Jovens e Adultos participantes do projeto eram submetidos ao longo dos outros dias. Estes fatores não influenciaram a qualidade e a relevância do processo educativo desenvolvido com os alunos.

Ao longo das aulas eram desenvolvidas diversas atividades de caráter educativo, sempre trazíamos uma leitura inicial que sempre destacava um aspecto do interesse e da realidade dos alunos, levávamos notícias de jornais locais, manchetes de esportes, histórias de vida, músicas, poemas, etc.

Todas as atividades eram pautadas no conhecimento prévio dos alunos e o que estes desejam aprender, isto favoreceu o interesse e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

envolvimento dos participantes, pois estes eram sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem.

A experiência de vivenciar a prática de professoras alfabetizadoras nos fez crescer como professoras, sempre falávamos aos alunos que nós aprendíamos mais com eles do que eles conosco. Assim como Freire (2015 p.68), acreditamos que “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina daí o seu cunho gnosiológico”.

As atividades do projeto duraram cerca de seis meses, se estendendo até mesmo após o término da cadeira de alfabetização, não podendo ser estendida pela mudança de horários das atividades do centro de reabilitação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A experiência de alfabetização e letramento teve início com uma roda de conversa, neste primeiro momento falamos sobre nós professoras, questionamos os alunos a respeito do que eles desejavam aprender, o que já sabiam, pois afinal tratando-se da educação de jovens e adultos que naquele momento encontravam-se em uma situação de reclusão por conta da reabilitação química, precisávamos trabalhar pautadas em algo que tivesse significado e importância a vida futura e principalmente a vida vivida naquele momento.

Ancoramo-nos na perspectiva de indissociabilidade entre o ensino da língua materna e a realidade vivida pelos alunos, socializando ao longo das aulas as vivências pessoais. Tudo isso se uniu em um único objetivo, possibilitar aqueles jovens um novo acesso a educação e à medida que os letrava percebíamos o quanto iam sendo desmistificadas concepções a cerca da alfabetização e da própria escola, que em uma entrevista realizada no início do projeto foi apontada como sendo algo “chato” e que isso os fizeram abandoná-la.

Ao longo da experiência enquanto professoras alfabetizadoras aprendemos e reconstruímos muitos conceitos que envolvesse a educação de Jovens e Adultos, percebemos o quanto historicamente esta modalidade foi excluída de políticas públicas e o quanto esta continua sendo alvo de políticas descontínuas e sem levar em consideração o principal sujeito: o aluno.

Compreendemos que a educação de pessoas Jovens e Adultas não se limita a apenas uma metodologia de trabalho, mas que de acordo com cada contexto esta se modifica sendo exigido um tipo de educação e o quanto aquela experiência poderia ser rica perante os conhecimentos que iam sendo apreendidos tanto pelos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

alunos quanto por nós professoras. Pinto (1909 p.83) reforça isto quando diz que:

O educador tem de considerar o educando como um ser pensante. É um portador de ideias e um produtor de ideias, dotado frequentemente de alta capacidade intelectual, que se revela espontaneamente em sua conversação, em sua crítica aos fatos, em sua literatura oral.

Nessa dicotomia entre fazer dos alunos sujeitos ativos no processo nos fez descobrir a educação popular e perceber o quanto esta se faz importante no processo de ensino e aprendizagem. Assim, as aulas iam sendo guiadas a partir de temas que envolvessem a vida dos alunos e muito mais que alfabetizar e letrar, nossos encontros se tornaram espaços de formação política e cidadã.

Nas aulas, tínhamos com ponto de partida os conhecimentos próprios do aluno no que diz respeito a suas vivências de mundo e percebemos o quanto infelizmente a educação formal vista nas escolas, acaba não englobando essa realidade vivida pelos alunos.

Assim, hoje reconheço que além da educação formal de dentro dos espaços educacionais, é necessário, também ir além dos muros da escola, é expandir ao conhecimento popular, ao conhecimento da sua cidade, sua história, sua importância nesse contexto e mudanças vistas no campo das políticas dentro da comunidade que a escola se insere.

Neste sentido, o Jovem e Adulto enquanto protagonista demanda do professor a capacidade de compreender a especificidade do ensino na EJA, o que faz com que “a relação entre professor-participante e aluno deve ter em conta a experiência de vida e a riqueza cultural dos mesmos, assim como o uso de diálogos e reflexões como principais meio de comunicação na prática educativa” (VALDES, 2014 p. 116).

Embora os alunos se encontrassem em uma situação de reclusão, estes sempre faziam referência a sua vida futura após o término do tratamento químico e encontramos neste momento o elo para inserir questões como a continuação da educação básica e a profissionalização para o mercado de trabalho, pois grande parte dos alunos sentiam a necessidade de ser alfabetizado para adentrar ao mercado de trabalho. A partir daí estas questões permearam e estavam sempre presente no planejamento, nos conteúdos e nas discussões realizadas durante as aulas.

Assim, compreendemos que a educação de Jovens e Adultos naquele momento deveria:

Dar resposta as suas demandas para melhorar sua atual precária inserção profissional. A EPJA para jovens deve ser um instrumento que ajude à inserção profissional dos mesmos, particularmente os de baixa renda, e que dê resposta adequada às limitações que enfrentam no presente e no futuro para se inserir em um mercado de caráter mutável. (VALDES, 2014 p.132)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Certamente a maior lição que levamos da experiência é que nós enquanto professoras devemos pautar nossa prática nos conhecimentos que o aluno já possui, não priorizando apenas no de que ele deve conhecer ao término, mas percebendo o quanto estes conhecimentos se fazem necessários para o professor desta modalidade e o quanto isto favorece o interesse e envolvimento dos alunos, pois estes se tornam sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem.

CONCLUSÃO

A experiência de vivenciar a prática docente na Educação de Jovens e Adultos ainda na graduação nos levou enquanto professoras em formação a nos aprendermos aos dilemas da profissão. Por vezes nos perguntamos se estaríamos realmente preparadas para assumir enquanto professoras uma turma de Jovens e Adultos em estado de reabilitação química e formados em sua maioria por ex-presidiários, mas assim como diz Freire (2015 p.57) “é também na inconclusão que nos tornamos conscientes e que nos inserta no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança”. Assim, o que vale é o desafio e a certeza que não precisamos esperar o momento que estaremos “prontas” para nos desafiar na carreira docente.

Ao procurarmos outras ações que envolvessem a alfabetização e letramento com pessoas em reabilitação química não encontramos nenhuma em nenhuma fonte de consulta ao semelhante a nossa pesquisa, o que de certo modo nos desestimulou a princípio e nos influenciou ao longo da trajetória a dar continuidade e investigar políticas públicas que possibilitassem a estes sujeitos o acesso a educação.

Não podemos dizer que todo o percurso foi extremamente fácil, pois ao longo do projeto tivemos que desconstruir alguns conceitos que os alunos tinham sobre quem frequentava as aulas¹, as possibilidades que a educação básica poderiam trazer a eles, a retomada da aproximação deles com a educação, etc. Hoje compreendemos que muito além de conteúdos, a EJA possibilita uma formação política e ética que contempla a pluralidade, cultura e principalmente as necessidades dos próprios alunos.

Compreendemos de fato a relevância das retomadas teórico-metodológicas atreladas ao ensino, pesquisa e extensão realizadas ao longo do projeto, pois foram a partir

¹ No início da experiência alguns alunos se sentiam envergonhados em frequentar as aulas, pois associavam a sua participação a questão de inferioridade e sofriam chacotas dos outros colegas que não iam as aulas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

destes conhecimentos que nos assumimos ainda na graduação enquanto professoras alfabetizadoras de Jovens e Adultos.

Esperamos que de fato que um dia possamos vivenciar outras experiências e iniciativas que contemplem esta modalidade de ensino e que de fato valorizem o principal sujeito em formação: o aluno. E que assim possamos afirmar que a educação tem se tornado um espaço fecundo a formação política, cidadã, social e cultural.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. 51 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

PINTO, Alvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 2000.

VALVES, Raul [et al.]. **Contribuições conceituais da EPJA: rumo à construção de sentidos comuns na diversidade**. Goiania: Ed. UFG, 2014.